

# Orquestra Gulbenkian

**Hannu Lintu**

**Jonathan Roozeman**



**04 + 05 dez 25**

**04 dez 25** QUINTA 20:00

**05 dez 25** SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

## **Orquestra Gulbenkian**

**Hannu Lintu** *Maestro*

**Jonathan Roozeman** *Violoncelo*

### **Jean Sibelius**

*A Tempestade*, Suite n.º 2, op. 109 n.º 3 c. 18 min.

1. *Coro dos Ventos*
2. *Intermezzo*
3. *Dança das Ninfas*
4. *Próspero*
5. *Canção I*
6. *Canção II*
7. *Miranda*
8. *As Náiades*
9. *Episódio de Dança*

### **Sebastian Fagerlund**

*Nomade*, Concerto para Violoncelo e Orquestra c. 37 min.

1. *Espressivo*
2. *Agitato, molto ritmico*  
*Interlude I*
3. *Vivace capriccioso*
4. *Lento contemplativo*  
*Interlude II*
5. *Espressivo*
6. *Esaltato, molto agitato*

INTERVALO

## **Ludwig van Beethoven**

Sinfonia n.º 6, em Fá maior, op. 68, *Pastoral*

c. 40 min.

1. *O despertar de aprazíveis sentimentos ao chegar ao campo: Allegro ma non troppo*
2. *Cena à beira do regato: Andante molto mosso*
3. *Feliz reunião de camponeses: Allegro – Presto*
4. *Trovões, tempestade: Allegro*
5. *Canto dos pastores. Sentimentos de alegria e de gratidão depois da tempestade: Allegretto*

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 2h  
INTERVALO DE 20 MIN.

# Jean Sibelius

(Hämeenlinna, 1865 – Järvenpää, 1957)

## A *Tempestade*, Suite n.º 2, op. 109 n.º 3

—

COMPOSIÇÃO 1925/1927

DURAÇÃO c. 18 min.

Jean Sibelius (1865-1957) é um caso peculiar da música erudita ocidental. Nascido no século XIX, no qual vive 35 anos, até quase ao fim da primeira maturidade adulta portanto, viverá ainda 57 anos num novo século que avança demasiado rápido. Podendo ter conhecido Brahms, Wagner e Liszt, passa por toda a primeira modernidade dos 15 anos iniciais do século XX, a modernidade de Debussy, Ravel, Stravinsky, Schönberg e Bartók, pela dos anos 20 e 30, a de Varèse, Webern e Messiaen, e, finalmente, nos últimos 10 anos da sua vida, pelas primeiras obras do segundo modernismo, o da Escola de Darmstadt, de Boulez, Nono e Stockhausen, pela música concreta e eletrónica, pelo serialismo integral, ao qual até Stravinsky está a render-se desde o início da década de 50. E o que faz Sibelius durante essa explosão de novas sonoridades, técnicas, estéticas, polémicas e batalhas musicais? Sibelius remete-se ao silêncio, o chamado “Silêncio de Järvenpää”, 31 anos de reclusão na sua casa, Ainola, batizada a partir de Aino, a sua esposa, que com ele (e a restante família mais próxima) partilha esses anos de isolamento e silêncio criativo, suavizado por inúmeras visitas de amigos, admiradores, músicos e alunos, e pelos passeios diários pela floresta circundante

de Järvenpää, a pequena cidade não longe de Helsínquia onde Sibelius escolheu viver desde 1904, e que já era, devido à proximidade com Helsínquia e à sua beleza natural, um local de encontro e descanso de uma comunidade artística notável.

Antes desse grande silêncio, e depois da 7.ª Sinfonia em 1924, Sibelius, propenso à depressão e à autocrítica, e a braços sempre com problemas de álcool e de temperamento, tem cada vez mais dificuldades em completar obras de envergadura. Destruirá, parece, os esboços da 8.ª Sinfonia e, como referimos, nada mais escreverá, pelo menos nada de monta, a seguir a 1926, quando ainda consegue levar a cabo o poema-sinfónico *Tapiola* e a música de cena para *A Tempestade*. Nesta música de cena, mais de uma hora de música, mais tarde dividida em duas suites orquestrais que aproveitam cerca de 40 minutos da música original, Sibelius continua o seu amor pela música descritiva ou de cena. A quase totalidade da sua música orquestral, excetuando as sete Sinfonias, nenhuma delas programática (pelo menos de forma evidente), e o Concerto para Violino, consiste em poemas-sinfónicos, música de cena, ou obras corais-sinfónicas, como *Kullervo*.

Em todos estes géneros, Sibelius atingiu níveis extraordinários de beleza, força, eficácia narrativa, exceto na ópera. Como muitos outros grandes compositores, Schubert talvez sendo o mais notório, que tentaram a ópera sem nunca conseguirem um resultado satisfatório, Sibelius tentou precocemente e também

cedo desistiu da ideia em detrimento da música instrumental, na qual o drama toma a forma de estruturas altamente originais, quer no que toca à forma, quer no que toca ao uso de motivos, e da própria orquestra, sempre original e evocativa. Sibelius é, ou foi, um dos grandes mestres da orquestra, essa orquestra que o mestre – ao qual não faltava, ainda assim, algum humor – reclamava como “a sua única amante”. E é essa orquestra fulgurante que, dentro da estética romântica de Sibelius, dá cartas em *A Tempestade*.

A segunda suite é menos longa e mais lírica/tradicional do que a primeira, que não só termina com um dos momentos mais vanguardistas de Sibelius, a Abertura, como utiliza os outros momentos mais arrojados da música original, momentos que revelam a influência do único compositor moderno que Sibelius terá apreciado, ao ponto de a ele ter ido buscar algumas soluções harmónicas e texturais: Debussy. A segunda suite é o contrário da primeira, no sentido da escolha dos números musicais que a tornam mais imediatamente acessível. De certa forma, na sua mistura original (na versão completa) de música instrumental, voz e dança, *A Tempestade* é o mais próximo que Sibelius esteve de escrever uma ópera bem-sucedida e, com a música de cena de Mendelssohn para *Sonho de uma Noite de Verão* e a ópera de Britten sobre a mesma peça, a melhor música que algum compositor algum vez criou para o teatro de Shakespeare.

## Sebastian Fagerlund

(Pargas, 1972)

### *Nomade*, Concerto para Violoncelo e Orquestra

—

COMPOSIÇÃO 2018

ESTREIA Hamburgo, 15 de fevereiro de 2019

DURAÇÃO c. 37 min.

Sebastian Fagerlund, como muitos outros compositores finlandeses depois de Sibelius, revela a influência deste, não necessariamente em termos do estilo musical, uma vez que um século separa os respetivos nascimentos, mas em termos de interesses comuns, que se refletem de alguma forma na música. Desde logo, o amor pela natureza, exuberante e preservada na Finlândia, natureza à qual ainda hoje se associam mitos e deuses presentes no imaginário vivo da população. Nascido em Pargas, o maior arquipélago do mundo com cerca de 50.000 pequenas ilhas, Fagerlund não poderia deixar de sentir o mar e a sua geografia natal, como em *Isola* (2007) ou em *Water Atlas* (2018). Porém, é o ser humano e a sua condição que mais o tem interessado, nomeadamente nas obras sobre textos, como nas duas óperas que escreveu. A sua música revela também uma conceção quase neo-impressionista da sonoridade orquestral, iridescente, complexa em termos da textura e do timbre.

Óperas, poemas sinfónicos, música de câmara e vocal distribuem-se pelo catálogo do compositor de forma igual em termos de quantidade, mas foi com a primeira ópera, *Döbeln* (2009) e com

o Concerto para Clarinete (2006), a sua terceira obra concertante (depois do Concerto para Saxofone e de uma outra obra para clarinete e orquestra), que o nome de Fagerlund se impôs na cena internacional, tendo-se seguido a esse outros concertos, para violino (2012), guitarra (2013), fagote (2014), violoncelo (2018), e flauta (2021), entre outras obras concertantes que cimentaram a reputação de Fagerlund nesse domínio que, tal como a ópera, e depois de um grande hiato na segunda metade do século XX (devido, em grande parte, ao modernismo radical da chamada “Escola de Darmstadt” – Boulez, Stockhausen, Nono – que via com maus olhos essas formas demasiado célebres e representativas de um passado musical para esquecer), renasceu a partir dos anos 80 do século XX, tendo-se tornado, hoje (juntamente com a ópera), novamente num dos géneros favoritos de muitos compositores atuais.

O Concerto para Violoncelo é uma obra de grandes dimensões e em seis andamentos, algo raro na escrita concertante para este instrumento, e teve no seu dedicatário, o violoncelista Nicolas Altstaedt, uma ajuda preciosa para a elaboração da parte solista. A ligação com a técnica de Sibelius (herdada de Beethoven), que faz crescer toda uma estrutura musical complexa a partir de uma pequena célula quase impercetível, é aqui notória. Nas palavras do próprio compositor: “O título do meu Concerto para Violoncelo, *Nomade*, refere-se – de forma abstrata – à ideia de procura e de movimento. O concerto começa com um motivo expressivo

ascendente na orquestra, motivo que é uma espécie de ADN harmónico-melódico que permeia toda a obra. O violoncelo solo tenta, no seu constante movimento e procura ao longo da obra, alcançar a essência desse ADN, mas é somente no quarto andamento que o núcleo musical desse ADN é finalmente revelado.”

Embora o violoncelo seja capaz, como o violino, de virtuosismos circenses (ouçam-se as *Variações Rococó* de Tchaikovsky), a sua natureza é o lirismo quase vocal, e Fagerlund, mesmo no 3.º andamento, um andamento rápido e mecânico, explora inequivocamente essa faceta lírica nesta obra evocativa, pós-moderna, na qual acordes tonais e atmosferas sonhadoras dominam a música, predominantemente lenta.

## Ludwig van Beethoven

(Bona, 1770 – Viena, 1827)

Sinfonia n.º 6, em Fá maior,  
op. 68, *Pastoral*

—

COMPOSIÇÃO 1808

ESTREIA Viena, 22 de dezembro de 1808

DURAÇÃO c. 40 min.

Ludwig van Beethoven e a sua 6.ª Sinfonia, dita “Pastoral”, inserem-se neste programa de forma natural. Por um lado, a construção orgânica da sua música – notável mesmo nesta, que é a sua sinfonia mais “descritiva” e mais próxima do poema-sinfónico que dominará as décadas seguintes à sua morte – será

a base da música de Sibelius que, melhor que ninguém (Brahms à parte) levará esse pensamento orgânico às últimas consequências. Por outro lado, o amor pela natureza e as consequências desse amor na conceção formal e noutros aspetos da música é algo que liga Beethoven a Sibelius e a Fagerlund. E, embora Beethoven se tenha referido aos aspetos mais pitorescos da sinfonia como sendo “mais descrição de sentimentos do que pintura” (não esqueçamos que a etimologia da palavra *pittresco*, em italiano, remete para “O que é digno de ser pintado”), não restam dúvidas que esta, a pintura, não está ausente, a um ponto tal que na célebre “Cena à beira do regato”, os três pássaros que ouvimos (cuco, codorniz e rouxinol) são perfeitamente identificáveis, bem como o fluir da água ou o desencadear da tempestade, as trompas dos caçadores e outros momentos de clara intenção ilustrativa.

Porém, Beethoven, como Sibelius, nunca sacrifica a coesão formal e motivica aos desígnios pitorescos, mesmo quando, como nesta sinfonia, dá até títulos concretos a cada um dos cinco andamentos, tendo com isso, e sem obviamente o poder saber, aberto o caminho ao poema-sinfónico romântico. Desse ponto de vista, quer um poema sinfónico como *Tapiola*, de Sibelius, quer esta 6.<sup>a</sup> Sinfonia de Beethoven, tanto podiam ser sinfonias como vice-versa. De um ponto de vista puramente estrutural, ambos os géneros seguem as mesmas premissas de coerência, lógica e construção, algo que, por vezes, falha noutros compositores, como Berlioz, ou nos russos do “Grupo dos Cinco”, por exemplo, nos quais o interesse pitoresco, refletido nas magníficas roupagens orquestrais, nas melodias populares e noutros meios de “pintura musical”, não é unificado num todo coerente e implacavelmente lógico.

NOTAS DE SÉRGIO AZEVEDO

## Hannu Lintu

O finlandês Hannu Lintu é o atual Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Em paralelo, prossegue o seu trajeto como Maestro Principal da Ópera e Ballet Nacionais da Finlândia e inicia os seus mandatos como Parceiro Artístico da Sinfónica de Lahti e Diretor Artístico do Festival Internacional Sibelius. Na temporada passada, Lintu foi nomeado Diretor Musical da Orquestra Sinfónica de Singapura, com início em 2026/27. Nos últimos anos, dirigiu a Sinfónica de Chicago, a Filarmónica de Nova Iorque, a Filarmónica de Berlim, a Orquestra de Cleveland, a Sinfónica da Rádio da Baviera, a Orquestra Nacional da Radio France, a Sinfónica de Boston, a Sinfónica da Rádio Sueca, a Deutsches Symphonie-Orchester Berlin, a Filarmónica de Londres, a Sinfónica de Atlanta, a Orquestra do Konzerthaus de Berlim e a Sinfónica de Montreal, entre outras orquestras. Para além das grandes obras sinfónicas, dirige regularmente repertório de ópera. Neste domínio, os destaques recentes incluem *Oedipe* de Enesco, com a Sinfónica de Viena, no Festival de Bregenz, *O Navio Fantasma* de Wagner, na Ópera de Paris, e *Pelléas et Mélisande* de Debussy, na Ópera Estadual da Baviera, bem como várias produções para a Ópera e Ballet Nacionais da Finlândia, incluindo o ciclo *O Anel do Nibelungo* de Wagner, *Dialogues des Carmélites* de Poulenc, *Don Giovanni* de Mozart, *Turandot* de Puccini, *Salome* de R. Strauss, *Billy Budd* de Britten, e uma versão coreografada da *Messa da Requiem* de Verdi. Hannu Lintu estudou violoncelo e piano na Academia Sibelius, em Helsínquia, instituição onde mais tarde se formou em direção de orquestra com Jorma Panula. Estudou também com Myung-Whun Chung na Accademia Musicale Chigiana, em Siena. Em 1994 venceu o Concurso Nórdico de Direção de Orquestra, em Bergen.

## Jonathan Roozeman

O elevado nível artístico do jovem violoncelista Jonathan Roozeman expressa-se na sua musicalidade e no seu virtuosismo, bem como numa sonoridade expansiva e versátil, seja na interpretação de obras chave do repertório clássico, seja em obras de compositores como Kabalevsky, Kokkonen ou Vieuxtemps. Recentemente, colaborou com o coreógrafo Saburo Teshigawara numa produção elaborada em torno de obras de Bach, Kodály e Cassado, no Aichi Prefectural Art Theater Concert Hall, em Nagoia. Além disso, tocou com várias orquestras e maestros, incluindo a Filarmónica de Tampere e Matthew Halls, a Bilkent Symphony Orchestra e Julien Masmondet, ou a Orquestra Gulbenkian e Nuno Coelho (2023). Apresentou-se no seu recital de estreia no Concertgebouw de Amesterdão com a pianista Varvara, no Konzerthaus de Berlim, em vários palcos no Canadá e em festivais em Londres, Edimburgo, Moscovo e Tóquio. Interpretou várias vezes a obra *Mania*, de Esa-Pekka Salonen, como parte integrante de um projeto entre a Academia Sibelius e a Juilliard School of Music, sob a direção do compositor, em Helsínquia, no Festival do Mar Báltico (Estocolmo) e no Lincoln Center de Nova Iorque. Jonathan Roozeman foi o mais jovem músico premiado no Concurso Tchaikovsky, em 2015. No mesmo ano, foi finalista no Concurso Internacional de Violoncelo de Naumburg. Em 2013 foi finalista no Prémio Suggia, no Porto, e alcançou as meias-finais do Concurso Internacional Paulo, na Finlândia. Jonathan Roozeman estudou com Martti Rousi na Academia Sibelius, em Helsínquia, e diplomou-se em 2020 pela Academia Kronberg, na classe de Frans Helmerson. Toca um violoncelo David Tecchler (ca. 1707), por empréstimo da Fundação Cultural Finlandesa. O seu arco foi construído por Jean Pierre Marie Persoit, em Paris, ca. 1850.

# Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian.

Ao longo de mais de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

## PRIMEIROS VIOLINOS

Jukka Merjanen CONCERTINO\*  
Francisco Lima Santos 1.º CONCERTINO AUXILIAR  
Maria Balbi 1.º SOLISTA  
Johannes Schantz 1.º SOLISTA  
Pedro Pacheco  
Alla Javoronkova  
Ana Beatriz Manzanilla  
Elena Ryabova  
Maria José Laginha  
Otto da Casa de Pereira  
Catarina Ferreira  
Catarina Resende  
Margarida Queirós  
Félix Duarte  
Francisco Ferreira\*

## SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1.º SOLISTA  
Zachary Spontak 1.º SOLISTA  
Piotr Rachwał 1.º SOLISTA  
Jorge Teixeira 2.º SOLISTA  
Tera Shimizu  
Stefan Schreiber  
Ana Isabel Malheiro  
Gonçalo Melo  
Bernardo Barreira  
Ricardo Vieira  
Inês Sofia\*  
Leonardo Guedes\*  
Ana Sofia Faria\*

## VIOLAS

Samuel Barsegian 1.º SOLISTA  
Lu Zheng 1.º SOLISTA  
João Tiago Dinis 2.º SOLISTA  
Nuno Soares  
Sara Moreira  
Artemis Balkiz  
Joana Silva  
Micaela Miranda  
Daniela Brito\*  
Margarida Abrantes\*

## VIOLONCELOS

Tatu Kauppinen 1º SOLISTA\*

Raquel Reis 1º SOLISTA

Jeremy Lake 2º SOLISTA

Martin Henneken 2º SOLISTA

✓Leonor Moniz

Maria Nabeiro\*

Aléssio Cunha\*

Blanca Roca\*

Sílvia Zánon\*

## CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA

Domingos Ribeiro 1º SOLISTA

Manuel Rêgo 2º SOLISTA

Marine Triolet

Luís Ferreira

Romeu Santos\*

## FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA

Sónia Pais 1º SOLISTA

Amalia Tortajada 2º SOLISTA

Mafalda Carvalho 2º SOLISTA\*

## OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA

Nelson Alves 1º SOLISTA

Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA

CORNE INGLÊS

## CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA

Telmo Costa 1º SOLISTA

José María Mosqueda 2º SOLISTA

CLARINETE BAIXO

## FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA

Vera Dias 1º SOLISTA

Raquel Saraiva 2º SOLISTA

CONTRAFAGOTE

## TROMPAS

Duarte Moreira 1º SOLISTA

Pedro Fernandes 2º SOLISTA

Antonia Chandler 2º SOLISTA

Jaime Resende 1º SOLISTA\*

Marcos Cruz 1º SOLISTA\*

## TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA

José Pedro Pereira 2º SOLISTA

Jorge Pereira 1º SOLISTA\*

## TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA

Rui Fernandes 2º SOLISTA

Thierry Redondo 2º SOLISTA

TROMBONE BAIXO

## TUBAS

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA

Elmano Pereira 1º SOLISTA

## TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

## PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

Tomás Rosa 2º SOLISTA\*

José Afonso Sousa 2º SOLISTA\*

## HARPA

Beatriz Cortesão 1º SOLISTA\*

## PIANO

Joana David 1º SOLISTA\*

---

## COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

## PRODUÇÃO

Américo Martins

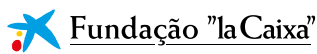
Marta Ferreira de Andrade

Pedro Canhoto

Fábio Cachão

Inês Nunes

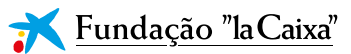
A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



# Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS  
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS  
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS  
MÚSICAS DO MUNDO



MECENAS  
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS  
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável.

